

Aprendizagens de mestrandas do curso de MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO: formação de formadores (FORMEP), da PUC-SP, no contexto da tutoria acadêmica entre pares

Students' learnings of the professional master's degree in education course: education of educators (formação de formadores – FORMEP), at the university PUC-SP, in the context of the academic peer tutoring

Luciana Andréa Afonso Sigalla¹, Vera Maria Nigro de Souza Placco²

Resumo

Este artigo propõe-se a apresentar um recorte da pesquisa realizada por Sigalla (2018), que teve como objetivo geral analisar a prática de tutoria acadêmica entre pares realizada no Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Formação de Formadores (Formep), nível Mestrado Profissional, da PUC-SP, a partir das percepções de seus participantes, quais sejam, tutorados (mestrandos do Formep) e tutores (em geral, mestrandos e doutorandos de outros Programas da PUC-SP). A fundamentação teórica da pesquisa pautou-se em estudos sobre: aprendizagem do adulto; aprendizagem entre iguais; trabalho coletivo-colaborativo; aprendizagens fundamentais na vida e na atuação profissional; mediação, interação social e zona de desenvolvimento iminente (ZDI). A pesquisa contou com a participação de 33 sujeitos, sendo 13 tutores, 17 tutorados, duas professoras e o assistente de coordenação do Formep. Os dados foram produzidos em grupos de discussão e entrevistas, e a análise foi inspirada na abordagem Análise de Prosa (ANDRÉ, 1983), dando origem a sete categorias analíticas. Neste artigo, temos como objetivo apresentar as percepções de mestrandas do Formep acerca da prática de tutoria acadêmica entre pares realizada no Programa. Tais percepções, conforme veremos, revelam o caráter coletivo-colaborativo dessa prática, sua importância para o desenvolvimento de habilidades necessárias na pós-graduação, seu significado para o conhecimento de si e a construção de sua identidade profissional, como também a importância das interações com pares avançados (sejam tutores, sejam outros mestrandos) para a potencialização de suas capacidades reflexivas e metacognitivas.

Palavras-chave: Tutoria acadêmica entre pares. Trabalho coletivo-colaborativo. Identidade profissional. Mestrado profissional em Educação. Formep.

Abstract

This article proposes to present a clipping of a research done by Sigalla (2018), whose general objective was to analyze the practice of peer tutoring performed in the Professional Master's degree in Education: Education of Educators (Formação de Formadores – Formep), at the university PUC-SP, based on the perceptions of its participants, namely, tutees (Formep master's degree students) and tutors (in general, masters and doctoral students of other PUC-SP programs). The theoretical basis of the research was based on studies about: adult learning; peer learning; collective-collaborative work; fundamental learning in life and work; mediation, social interaction and zone of imminent development (ZDI). The research had the participation of 33 subjects, being 13 tutors, 17 tutees, two teachers and the coordination assistant of Formep. The data were produced in discussion groups and interviews, and the analysis was inspired by the Prose Analysis approach (ANDRÉ, 1983), giving rise to seven analytical categories. In this article, we aim to present the perceptions of Formep master's degree students about the practice of peer tutoring conducted in the Program. Such perceptions, as we shall see, reveal the collective-collaborative nature of this practice, its importance for the development of skills required in a postgraduate course, its meaning for self-knowledge and the construction of its professional identity, as well as the importance of interactions with advanced peers (whether tutors or other master's degree students) for the enhancement of their reflective and metacognitive capacities.

Keywords: Academic peer tutoring. Collective-collaborative work. Professional identity. Professional master's degree in education. Formep.

¹ Doutora e mestra em Educação: Psicologia da Educação - PUC-SP. - <https://orcid.org/0000-0002-8965-9551>

² Doutora e mestra em Educação: Psicologia da Educação - PUC-SP.

Contato com autor: luciana.sigalla@gmail.com

Recebido em 31 de Março de 2019; Aceito em 27 de Agosto de 2019.

INTRODUÇÃO

O presente artigo toma como objeto de reflexão as percepções de mestrandas do Mestrado Profissional em Educação: Formação de Formadores (Formep), da PUC-SP, acerca da prática de tutoria acadêmica entre pares realizada no interior do Programa. Trata-se de um recorte da pesquisa de doutorado feita por Sigalla (2018), que teve como objetivo geral analisar a referida prática de tutoria acadêmica, a partir das percepções de seus participantes, quais sejam, tutorados (mestrandos do Formep) e tutores (em geral, mestrandos e doutorandos de outros Programas da PUC-SP). A tese defendida pela autora foi de que a prática de tutoria acadêmica entre pares realizada no Formep caracteriza-se como um espaço coletivo-colaborativo de trabalho e formação, gerador de aprendizagens mútuas (de conceitos, habilidades, relações e atitudes), que pode contribuir com as trajetórias acadêmica e profissional dos sujeitos envolvidos, quais sejam, tutores e tutorados do Programa, nas interações que eles estabelecem entre si.

Para a realização da pesquisa, Sigalla (2018) buscou respaldo teórico em estudos sobre: aprendizagem do adulto (PLACCO; SOUZA, 2006); aprendizagem entre iguais (DURAN; VIDAL, 2007; FRISON, 2012); trabalho coletivo-colaborativo (BOAVIDA; PONTE, 2002; FIORENTINI, 2004; FORTE, 2009; IMBERNÓN, 2009; PASSOS, 2016; PASSOS; ANDRÉ, 2016); aprendizagens fundamentais na vida e na atuação profissional (DELORS et al., 2006); mediação, interação social e zona de desenvolvimento iminente (ZDI) (VIGOTSKI, 2007, 2009).

A pesquisa contou com a participação de 33 sujeitos – sendo 13 tutores, 17 tutorados, duas professoras do Formep e o assistente de coordenação do Programa –, cujos dados foram produzidos em grupos de discussão e entrevistas. A análise dos dados foi inspirada na abordagem Análise de Prosa (ANDRÉ, 1983) e deu origem a sete categorias analíticas. Dentre os principais achados, destacam-se: (1) o caráter coletivo-colaborativo da prática de tutoria acadêmica realizada no Formep; (2) as contribuições da tutoria, em conjunto com a monitoria, para a formação de pesquisadores, docentes universitários e orientadores de trabalhos acadêmicos, no caso dos tutores; (3) as

contribuições da tutoria para o desenvolvimento de habilidades necessárias na pós-graduação, tais como delimitar um tema de pesquisa, buscar informações em bancos de dados, elaborar uma revisão bibliográfica, produzir e ler textos acadêmicos, no caso dos tutorados; (4) a importância da interação com pares avançados para a potencialização das capacidades reflexiva e metacognitiva de tutores e tutorados e (5) a importância do diálogo, da negociação e do compartilhamento de ideias, dúvidas e dificuldades em processos formativos, no ensino superior.

Neste artigo, trataremos das percepções de mestrandas do Formep acerca da prática de tutoria acadêmica entre pares realizada no Programa.

Para tanto, inicialmente, apresentaremos um breve histórico acerca das origens do Mestrado Profissional em Educação: Formação de Formadores (Formep), da PUC-SP.

Na sequência, discorreremos sobre as origens, a organização e o funcionamento da referida prática de tutoria acadêmica no interior desse Programa.

Dando prosseguimento, apresentaremos e discutiremos os dados produzidos por mestrandas do Formep, que revelam o caráter coletivo-colaborativo da prática de tutoria acadêmica entre pares realizada no Programa, sua importância para o desenvolvimento de habilidades necessárias na pós-graduação, seu significado para o conhecimento de si e a construção de sua identidade profissional, como também a importância das interações com pares avançados (sejam tutores, sejam outros mestrandos) para a potencialização de suas capacidades reflexivas e metacognitivas.

Finalizaremos com nossas considerações finais, nas quais sintetizamos os dados apresentados e discutidos neste artigo e propomos estudos de aprofundamento.

O PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO: FORMAÇÃO DE FORMADORES (FORMEP), DA PUC-SP

O Programa de Mestrado Profissional em Educação: Formação de Formadores (Formep), da PUC-SP,

foi criado em 2012, três anos após a criação do primeiro MPE no Brasil, com foco na formação de profissionais que atuam na educação básica, quais sejam: coordenadores pedagógicos, diretores, supervisores, professores e demais interessados na área.

André e Príncipe (2017, p. 106) destacam que esse foco “na formação do formador de professores da educação básica decorre do papel fundamental que esse profissional ocupa na efetivação do trabalho pedagógico nas escolas ou em outras instituições educativas”. As autoras ressaltam ainda que, até aquele momento, desconheciam-se “a existência de cursos de pós-graduação *stricto sensu* para a **formação do formador**. Neste sentido, o curso da PUC-SP é pioneiro no Brasil” (Ibid., p. 107 – Grifo nosso).

Em 2015, Reis, Sigalla e Penteado realizaram uma pesquisa sobre as origens do Formep, na qual entrevistaram seis professoras que participaram do processo de idealização, organização e implantação do Programa. Em seu estudo, as autoras identificaram que:

[...] a gestação¹ do Formep [...] ocorreu a partir dos incômodos das professoras entrevistadas com questões relacionadas a atender às necessidades formativas dos alunos que já atuavam na educação, respondendo a uma demanda de profissionais que almejavam aperfeiçoar sua prática profissional de maneira mais específica (REIS; SIGALLA; PENTEADO, 2015, p. 7064-5).

Segundo as autoras, a participação dessas professoras no processo de idealização, organização e implantação do Formep estava ligada diretamente a projetos de vida dessas profissionais.

Ao longo das entrevistas, as professoras, ao resgatar suas memórias acerca desse processo:

[...] também falaram de suas concepções de educação, de ser humano e de mundo, evidenciando que não é qualquer profissional que se envolve em causas concretas para oferecer melhor qualidade à educação brasileira. Para isso, é preciso ser, antes de tudo, um ser humano consciente de sua atuação política e social no mundo (Ibid., p. 7065).

Nessa direção, ao criar o Formep, as professoras estavam aproximando escola e universidade, propiciando aos profissionais da educação básica “condições para uma melhor reflexão de suas práticas e promovendo um contínuo aperfeiçoamento de suas ações educativas” (REIS; SIGALLA; PENTEADO, 2015, p. 7060).

Outro aspecto relevante evidenciado pelas autoras em sua pesquisa foi o caráter coletivo e colaborativo do processo de constituição do curso, que se mostrou fator essencial na concretização da proposta do Formep, na visão delas. As professoras entrevistadas dedicaram-se a concretizar algo que era importante em suas vidas, “evidenciando um trabalho pioneiro de construção de um curso com envolvimento e colaboração dentro de um coletivo” (Ibid., p. 7068).

Passados seis anos de sua criação, o Programa já formou aproximadamente 160 Mestres Profissionais em Educação, conforme dados apresentados no Quadro 1. Desde o início, para todas as turmas, foram ofertadas 40 vagas², as quais foram preenchidas, na maioria dos processos seletivos. A taxa de evasão (desistentes) é bastante baixa, e as defesas (concluintes), mesmo que com algum eventual atraso, têm ocorrido regularmente, conforme também podemos observar nos dados apresentados a seguir.

1 Conforme explicam as autoras, “a palavra ‘gestação’ foi empregada com a intenção de descrever o processo de elaboração do Formep, no sentido de as ideias desse programa estarem sendo gestadas no desejo dessas professoras” (REIS; SIGALLA; PENTEADO, 2015, p. 7064).

2 Nas turmas 1 e 7, excepcionalmente, foram aceitos 44 e 43 alunos, respectivamente.

Quadro 1 – Total de alunos, por turma, nos anos de 2013 a 2019.

		Total de Alunos					
		Inscritos	Aprovados	Matriculados	Desistentes	Concluintes ¹	
Nº da Turma (Início)	Turma 1 (Ago. 2013)	Turmas concluídas	133	44	35	1	34
	Turma 2 (Fev. 2014)		200	40	40	0	40
	Turma 3 (Fev. 2015)		150	40	38	2	36
	Turma 4 (Fev. 2016)		123	40	40	7	33
	Turma 5 (Ago. 2016)		345	40	40	3	33
	Turma 6 (Ago. 2017)	Turmas em andamento	59	38	38	8	-
	Turma 7 (Fev. 2018)		150	43	40	4	-
	Turma 8 (Fev. 2019)		150	40	40	1	-

Fonte: Adaptado de Sigalla (2018, p. 56). Atualizado em 12 mar. 2019, a partir de informações obtidas no Formep.

Com relação à estrutura curricular do Formep, André e Príncipe (2017, p. 107) explicam que esta é composta por um conjunto articulado de disciplinas obrigatórias e eletivas, que inclui “uma disciplina de metodologia de pesquisa”, pela elaboração de um trabalho final de conclusão de curso centrado em uma pesquisa que tome “como referência sua prática profissional” (Ibid., p. 108) e por duas atividades complementares: o seminário de práticas, que tem como objetivo a sistematização e a socialização dos trabalhos científicos elaborados pelos mestrandos do Formep, e a tutoria acadêmica entre pares, sobre a qual discorreremos a seguir.

A TUTORIA ACADÊMICA ENTRE PARES REALIZADA NO FORMEP

Antes de iniciarmos nossa explanação acerca da prática de tutoria acadêmica entre pares realizada

no Formep, convém explicitarmos ao leitor que o conceito de tutoria acadêmica adotado na pesquisa realizada por Sigalla (2018) e, portanto, neste artigo, é o proposto por André et al. (2016, p. 40), que a compreendem como:

[...] todo o conjunto de ações de orientação pessoal e acadêmica desenvolvida por estudantes de pós-graduação mais experientes no processo de inserção de alunos ingressantes em um curso de Mestrado Profissional. [...] uma atividade sustentada pela aprendizagem entre iguais, entendendo que ela pode ser um importante recurso pedagógico, embora seja pouco explorado.

A pesquisa de Sigalla (2018) revela que a origem da prática de tutoria acadêmica entre pares realizada no Formep está estreitamente ligada às necessidades iniciais do Programa, em especial, a dois importantes fatores, conforme revela a Profa. Dra. Vera Placco, professora do Formep e sujeito da referida pesquisa: à quantidade de alunos por turma (40 alunos) e

ao fato de, no Programa, os alunos receberem seus orientadores apenas ao final do primeiro ano de curso.

Em entrevista concedida, por ocasião da produção de dados da referida pesquisa, a professora relata que, notando o interesse de alguns de seus orientandos do PED³ pelo Formep, uma novidade na PUC-SP, naquele momento, ela convidou-os a participar como seus monitores, nas aulas que estava ministrando no novo Programa. Essa participação tornou-se conhecida pelos professores do Formep, que, entusiasmados com a ideia, também convidaram outros alunos e orientandos para atuarem como seus monitores.

Nesse envolvimento dos monitores com o Formep, a professora revela que outra possibilidade se descartou ao Colegiado: eles, monitores, poderiam realizar um trabalho de auxílio acadêmico aos mestrandos do Programa, visto que estes receberiam seus orientadores apenas ao final do primeiro ano de curso. Nessa direção, a Profa. Dra. Marli André, professora e então coordenadora do Formep, que também participou da pesquisa de Sigalla (2018), sistematizou a ideia, propondo a atividade nos moldes em que ela se apresenta hoje.

Foi dessa forma, portanto, que “nasceu” a prática tutoria acadêmica entre pares no Programa, como estratégia para auxiliar os mestrandos do curso em sua inserção na vida acadêmica e para atender a algumas de suas necessidades formativas, relacionadas à produção dos primeiros escritos do projeto de pesquisa.

Esse auxílio acadêmico oferecido pelos tutores é fundamental aos mestrandos do Formep, pois, conforme apontam André et al. (2016, p. 39):

Ao ingressar na pós-graduação, os estudantes enfrentam muitos desafios, sobretudo se pensarmos nos currículos, nos sistemas de cumprimento de créditos, na demonstração de proficiência em língua estrangeira, nas práticas de leitura e produção de textos acadêmicos e na relação com os orientadores. [...] Por isso, faz-se necessário encontrar es-

tratégias que permitam contemplar as diferenças de repertório intelectual, linguístico, cultural com que os estudantes ingressam na pós-graduação, para que elas não sejam reforçadas, mas consideradas, de modo a possibilitar a todos os estudantes as ferramentas para o seu sucesso acadêmico.

Embora não seja foco deste artigo deslindar as atividades realizadas na tutoria do Formep, convém explicar, mesmo que brevemente, como essa prática acontece no interior do Programa.

André (2016, p. 32) explica que as atividades da tutoria:

[...] consistem, fundamentalmente, no atendimento a pequenos grupos de mestrandos com a finalidade de auxiliá-los na elaboração do texto de qualificação [...]. A tutoria, em parceria com os docentes do MP, tem o propósito de ajudar os mestrandos a definir o tema do trabalho final, pela análise crítica da realidade em que atua profissionalmente, e, a partir desse diagnóstico, definir estratégias e ações que a modifiquem (ANDRÉ, 2016, p. 32).

Esse atendimento a pequenos grupos, mencionado pela autora, acontece por meio de encontros quinzenais entre mestrandos e tutores, com duração de uma hora, em horário extra-aula⁴, nas dependências da PUC-SP, durante os dois primeiros semestres de curso, totalizando, em média, 16 encontros anuais (ANDRÉ, 2016; ANDRÉ et al., 2016).

Sigalla (2018) explica que, no primeiro semestre, o foco da tutoria é a escrita de um texto intitulado “o tema e eu”, no qual os mestrandos definem seu tema de pesquisa. A escrita desse texto exige do mestrando um exercício de narrar sua trajetória acadêmica e profissional, o que o leva, em algum momento, a se deparar com situações que o incomodam no ambiente de trabalho, como questões relacionadas à aprendizagem dos alunos, ao currículo, à avaliação, às relações interpessoais, dentre outras. A autora aponta que: “Será nesse ‘confronto’, e com a posterior reflexão sobre aquilo que o incomoda, que o mestrando identificará o que necessita responder ou

3 Mestrandos e doutorandos do PED, outro Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-SP, no qual a professora Vera Placco atua desde 1993.

4 Em geral, os encontros são realizados às terças e quintas-feiras, das 15 às 16 horas, e das 19 às 20 horas, isto é, uma hora antes ou uma hora após as aulas, perfazendo quatro grupos distintos de tutoria.

compreender para transformar a realidade do local em que trabalha. Sua história, portanto, definirá a escolha de seu tema” (Ibid., p. 63).

Ainda de acordo com Sigalla (2018), no segundo semestre, o foco da tutoria é a escrita de outro texto, intitulado “O tema e os outros”, resultado de uma revisão bibliográfica sobre o tema de pesquisa definido no primeiro semestre. A produção desse segundo texto é acompanhada pela professora da disciplina Pesquisa e Prática Reflexiva (ANDRÉ, 2016; ANDRÉ et al., 2016), que se mantém em contato direto com os tutores, ao longo do semestre.

Em entrevista concedida pela professora Marli André, durante a produção de dados da pesquisa realizada por Sigalla (2018), ela explica que a ideia de os mestrandos produzirem os textos “O tema e eu” e “O tema e os outros” na tutoria nasceu na disciplina de Pesquisa e Prática Reflexiva, ministrada por ela no Formep, em alguns semestres.

A produção de ambos os textos se configura, portanto, como atividade central na tutoria, e o propósito é que sejam agregados ao projeto de pesquisa (relatório de qualificação) e, posteriormente, ao trabalho final de conclusão de curso. Com isso, no momento em que os mestrandos recebem seus orientadores, ao final do primeiro ano de curso, o projeto de pesquisa já se encontra minimamente delineado, isto é, com a temática demarcada e a revisão bibliográfica realizada.

Nesse sentido, André (2016, p. 32) considera que:

Os encontros [*de tutoria*] realizados entre alunos e tutores têm se constituído num espaço rico de trocas, de criatividade; espaço em que ambos se dispõem a aprender juntos sobre como se desenvolve um trabalho que toma a prática profissional como objeto de investigação. Além disso, a proposta de trabalho da tutoria tem possibilitado que os mestrandos do FORMEP – que são professores formadores – adentrem o ambiente acadêmico e conheçam sua dinâmica e as condições exigidas para a produção de um trabalho científico.

Diante do exposto, ressaltamos que, em nosso entendimento, a sistematização da prática de tutoria acadêmica entre pares, cuja origem, como vimos,

deu-se de forma espontânea, e sua concretização como atividade curricular do Formep, só foi possível graças ao esforço conjunto de todos os nela envolvidos: coordenação, professores, tutores, mestrandos e assistente de coordenação do Programa.

A TUTORIA ACADÊMICA, NA PERCEPÇÃO DOS MESTRANDOS

A pesquisa de Sigalla (2018) revelou que o início da participação dos mestrandos do Formep na prática de tutoria acadêmica entre pares realizada no Programa foi permeado por diferentes expectativas, sentimentos e sensações⁵.

Dentre as expectativas, estão a construção do projeto de pesquisa e a troca de experiências com pares mais experientes, conforme apontam as falas das mestrandas Clarice, Regina e Amiee⁶:

[...] a expectativa, a princípio, era “Ah, a tutoria vai ser o quê? A gente vai **construir o projeto de pesquisa**; vai ser isso, né?”, mais ou menos um pouco essa a expectativa (Clarice, mestranda – Turma B).

[...] a minha **expectativa foi bem positiva**, porque eu esperava assim... uma tutoria que viesse me trazer **segurança em relação ao projeto** a ser desenvolvido [...] (Regina, mestranda – Turma A).

A gente sempre cria expectativa, não é? Porque é um **parceiro mais experiente que vai sentar e vai te orientar**. Eu acho que essa é a ideia [...] **Trocar experiências**, ter uma outra oportunidade em **grupos menores**, porque as primeiras disciplinas são sempre grupos muito grandes [...] Então... **a expectativa era de começar a produzir um texto, mas sob orientação** mesmo (Amiee, mestranda – Turma A).

Além de expectativas, alguns sentimentos e sensações também estiveram presentes no início da participação das mestrandas na tutoria, conforme revela

5 O fato de não trazermos, neste artigo, as percepções dos tutores do Formep acerca da referida prática deve-se única e exclusivamente à nossa limitação de páginas neste escrito. Dessa forma, por considerarmos de total importância e relevância o papel desse ator na prática de tutoria acadêmica entre pares, suas percepções acerca da atividade serão apresentadas e discutidas em outras produções.

6 Os nomes de todas as mestrandas citadas neste artigo são fictícios e foram escolhidos por elas mesmas, no momento de preenchimento do questionário que compôs a produção de dados da pesquisa.

a fala da mestranda Paula:

[...] eu vejo [a tutoria] como um cuidado **com o aluno, com o mestrando que está iniciando**. Não esse cuidado de tutelar, de assistencialismo. Não. Mas esse **cuidado com a vida acadêmica**, né? Eu acho que tem toda uma diferença. **Parece que é um curso à parte dentro da PUC**. Nesse mundo acadêmico, que [...] cada um vai para um lado [...] no Formep, não acontece. **Parece que todo mundo é cuidado**. Até mesmo **a sala ali do programa** [...] Você fala assim **“É minha sala também”**. [...] **Parece que todo mundo está ali junto, para contribuir mesmo com o processo** [...] (Paula, mestranda – Turma A).

As falas das mestrandas Clarice, Ana, Eloísa e Tereza apontam para outro aspecto importante da tutoria, que é o acolhimento do aluno que chega ao MP. Na maioria dos casos, trata-se de profissionais/educadores que estão afastados da vida acadêmica já há alguns anos e que estão tendo sua primeira experiência na pós-graduação *stricto sensu*:

[...] eu estava assim um pouco afastada de toda essa **formalidade acadêmica**, né, e **a tutoria foi imprescindível nesse sentido** (Clarice, mestranda – Turma B).

No início, como a Clarice colocou, quando a gente começou no Formep... **esse trabalho da tutoria, acho que foi essencial**, [...] **porque a gente chegou, assim, perdido, com uma experiência nova** (Ana, mestranda – Turma B).

Acho que, desde o início, **eu me senti muito acolhida pelos tutores**. [...] acho que é **o acolhimento mesmo das suas ideias**... É acreditar, né? **Alguém além de você que acredita no que você está falando**. Então acho que **isso dá um certo conforto para a gente**. (Eloísa, mestranda – Turma B).

Acho que **o trabalho da tutoria tem um grau de grande importância, dentro desse acolhimento**... e **dentro também dessa elaboração**... até a hora de **chegar a orientação** (Tereza, mestranda – Turma B).

Tereza continua sua fala e a conclui de maneira muito singela, comparando a tutoria a um “berço”, entendido por nós como o espaço de acolhimento do pesquisador que “nasce” e que começa a dar seus primeiros passos na vida acadêmica:

[A tutoria] [...] é um... um ambiente, **um berço** mes-

mo, **que pode favorecer demais até o momento que a gente chega na orientação**, até para **diminuir essa ansiedade** (Tereza, mestranda – Turma B).

Como vemos, a sensação de “acolhimento” é recorrente nas falas das mestrandas. Nesse contexto, sentir-se acolhido pode significar ter encontrado um espaço para a escuta de nossas dúvidas, de nossos medos, de nossas inquietações. Conforme aponta Sigalla (2018, p. 159): “Um espaço no qual nos tornamos ‘visíveis’ aos olhos do outro; no qual, ‘existindo’, somos respeitados pelo que somos, pensamos e desejamos”.

A pesquisa de Sigalla (2018) revelou também que, segundo as percepções das mestrandas, sua participação na prática de tutoria acadêmica entre pares foi permeada de aspectos facilitadores desse processo, dentre os quais destacamos neste artigo as interações e as aprendizagens delas advindas.

As falas de Clarice, Lisa, Lorena, Andréa e Amiee destacam a importância do direcionamento e das devolutivas e intervenções feitas pelos tutores na produção do “tema e eu”, no primeiro semestre do curso, pois potencializam a capacidade reflexiva sobre o texto produzido, propiciando aos mestrandos o “pensar academicamente”:

A **leitura dos textos** [...] **esse encaminhamento, esse direcionamento, foi bem importante** para a gente que estava, **nesse primeiro momento, meio perdida**. (Clarice, mestranda – Turma B).

[...] foi **muito importante a leitura** do nosso texto e **a devolutiva grifada, por escrito, observando pontos tanto do formato, do estilo da escrita, quanto do teor dessa escrita** [...] Observações assim... eu nunca vi nenhum professor, nenhum orientador fazer [...] Era o que **a gente precisava mesmo**. Então eu reitero que **isso foi muito importante, muito especial, esse percurso** (Lisa, mestranda – Turma B).

[...] minha tutora era tão **minuciosa na correção; a cada parágrafo ela colocava alguma informação**; ela era **bem cuidadosa** [...] ia colocando os **recadinhos** para mim [...] (Lorena, mestranda – Turma A).

[...] todas as vezes que eu enviei os meus textos, sempre foram retornados, e **sempre com as orientações**; sempre [...] Então, esses **questionamen-**

tos que foram feitos a mim **me ajudaram a pensar academicamente** [...] sem elas [tutoras], seria muito mais difícil (Andréa, mestranda – Turma A).

O dia que eu recebi aquilo, que eu abri o e-mail, que eu vi aquele monte de coisa [observações/comentários da tutora]... aquilo me deu uma **felicidade** tão grande e me deu um **ânimo** tão positivo, assim, **de trabalhar em cima do texto**... [...] **Aí dei valor... Fiquei muito feliz**. [...] e isso foi bem **positivo**. **Daí eu gostei muito** (Amiee, mestranda – Turma A).

As falas de todas essas mestrandas apontam, como destacam Duran e Vidal (2007, p. 60-61), para “um alto grau de bem-estar [...] pela ajuda recebida de seus tutores”, uma ajuda que, segundo os autores, é forte quantitativa e qualitativamente.

As falas das mestrandas revelam, ainda, que a tutoria acadêmica entre pares do Formep apresenta uma “estrutura de interação” (DURAN; VIDAL, 2007) que confere a ela um caráter dialético, pois possibilita ao mestrando, a partir da metacognição, provocada pelo tutor, a elaboração de uma versão cada vez melhor do texto “o tema e eu”.

Ao dar a devolutiva dos textos aos mestrandos, o tutor propicia-lhes oportunidades de reflexão sobre seus escritos, como se lhes entregasse um “espelho”, no qual esses sujeitos poderão “surpreender-se, estranhar-se, reconhecer-se” (PLACCO; SOUZA, 2006, p. 54), fazendo “emergir conhecimentos ainda ignorados ou pouco explorados” (Ibid., p. 54), exercício este de reflexão, que “abre caminhos para possíveis mudanças e transformações” (Ibid., p. 57).

Nessa direção, entendemos que toda essa “estrutura de interação” possibilita a criação de zonas de desenvolvimento iminente (ZDIs), uma vez que dão “oportunidade para que o aluno consiga, na interação, realizar coisas que estão além do seu nível de desenvolvimento real” (SZUNDY, 2009, p. 88-89).

A fala de Lisa revela que as devolutivas e as intervenções feitas pelos tutores têm um caráter dialógico, que não se constituem meras imposições de uma verdade, ou seja, daquilo que o tutor considera

que deveria ser mudado no texto. Elas não se limitam, portanto, a “uma pessoa ‘depositar’ ideias em outra”, como dizia Paulo Freire (2016, p. 137), como também não se resumem a “uma simples troca de ideias, que ‘seriam consumidas’ por aqueles que estão conversando” (Ibid., p. 137), mas se constituem, isto sim, momentos de troca que possibilitam a ambos – tutores e mestrandos – um “pensamento crítico” (Ibid., p. 137), um “verdadeiro diálogo”:

[...] eu acho que o **diferencial da tutoria** [...] é esse **processo dialógico** [...] por exemplo, a tutora leu vários textos meus, várias versões; ela **apontou o que precisava ser alterado, mas, antes de eu pegar e ler, ela veio falar comigo** sobre isso: “Então, vamos observar esse parágrafo? Olha, Lisa, escrevi isso aqui pra você alterar por causa disso, disso... Enquanto eu estava lendo, eu tive tal percepção”... [...] Eu acho que **o diferencial é esse caráter presencial, olho no olho, dialógico, de construção de vínculo** [...] (Lisa, mestranda – Turma B).

Outro aspecto interessante das interações é apontado nas falas de Tereza, Eloísa e Regina, e diz respeito ao fato de o tutor ser um par avançado, que compartilha com os tutorados suas experiências como aluno, pós-graduando e pesquisador que também é:

Tem uma coisa da **interação** que eu vejo [...] **o compartilhar do próprio processo daquele tutor**, porque **ele também é um aluno, ele também está aqui pesquisando**. Então, **essa partilha da experiência de cada um, para mim foi muito significativa** (Tereza, mestranda – Turma B).

E acho que **as tutoras são pares avançados nesse sentido**, né, de **alguém que já passou por essa trajetória** e que **está ali para falar** “Não. É possível, sim. Se acalma” (Eloísa, mestranda – Turma B).

[...] você está num grupo discutindo, num grupo que já... **os tutores já estão nesse mundo científico, da pesquisa científica**. Eles **têm bagagem**, eles **sabem já como que é o trabalho, já passaram por esse momento que a gente está passando** (Regina, mestranda – Turma A).

Até aqui, observamos que as falas das mestrandas se referem apenas às interações entre mestrandos e tutores. No entanto, a pesquisa de Sigalla (2018) também aponta a importância das interações entre

7 O nível de desenvolvimento real refere-se àquilo que já foi consolidado pelo indivíduo, ou seja, o conjunto de atividades que ele já consegue realizar de forma independente (VIGOTSKI, 2007, 2009).

os próprios mestrandos, nos encontros de tutoria, para a potencialização do trabalho colaborativo, do conhecimento de si e da construção de sua identidade profissional, conforme revelam as falas de Amiee, Lisa e Ana:

[...] as **discussões favorecem muito**, né? [...] você participar de discussões e também **aprender com o colega** [outro mestrando], que não vai escrever sobre o seu tema... São temas distintos; cada um muito diferente do outro, mas que **a gente aprende também na hora que ele fala**... [...] As reuniões de tutoria também tinham esse **aproveitamento** [...] **é o tempo todo a gente aprendendo com o outro**... (Amiee, mestranda – Turma A).

[...] essa **interação entre nós** [mestrandos] também **nos fortalece para a pesquisa**. [...] para mim, [a tutoria] tem me fortalecido MUITO... Muito. Ainda mais pelo fato desse **grupo de tutoria** que a gente tem [...] ter uma **característica de olhar para a diversidade**... Então, ainda que com focos diferentes, mas todos nós estamos unidos pela diversidade. É interessante isso. Então, acontece assim, **para além do momento de tutoria**, a gente acaba **trocando entre nós** também; isso está **favorecendo** muito (Lisa, mestranda – Turma B).

[...] a **troca no grupo** também foi uma coisa **bem interessante**; essa possibilidade de você **ver qual o percurso que os seus colegas estão desenvolvendo na escrita** [...] eu acho que **a gente se fortalece** mesmo. [...] nos **grupos**, você tem essa **colaboração**... Às vezes, não é nem o tutor que vai te dar uma informação relevante [...] às vezes, **um colega olha e fala “E isso? Por que você não faz isso?”** (Ana, mestranda – Turma B).

Nessa direção, Placco e Souza (2006, p. 70) afirmam que “precisamos do outro para nos mobilizar, para compreender melhor quem somos e a partir daí decidirmos o que fazer, como agir”. Para nós, a afirmação das autoras é pertinente para os dois tipos de interação apresentados aqui. Seja entre mestrandos e tutores, seja entre mestrandos, colegas de turma, a figura do par avançado sempre estará presente na prática de tutoria acadêmica, independentemente do papel que se desempenha na atividade.

A mestranda Alice também traz esse aspecto em sua fala, ao dizer que o outro ajuda-a a enxergar aquilo que ela não está enxergando, e vê essa “ajuda” como algo colaborativo:

Cada vez eu acredito mais nisso mesmo, que **nós somos formados de várias vozes**. [...] eu, às vezes **chegava aqui com uma verdade** [...] e aí, na hora de explicar, **alguém falava: “Mas, e quando acontece isso?”**... [...] é a **colaboração** entre as pessoas. [...] Acho que tinha dias que **eu chegava aqui com uma ideia** e... quando eu **saía daqui, estava desconstruída** [...] **por uma fala de um colega** [...] então acho que para tudo isso foi bem **colaborativo** (Alice, mestranda – Turma A).

A fala de Alice, neste momento, como as das demais mestrandas, remetem-nos às palavras de Passos e André (2016, p. 12), de que, nos dias de hoje:

Não é mais possível esperar que cada um, individualmente, encontre respostas para tantas e tão complexas questões que se fazem presentes na prática diária dos estabelecimentos de ensino. É preciso construir um olhar plural, constituir comunidades de aprendizagens que compartilhem saberes, concepções, explicações, que desenhem em conjunto medidas para enfrentar desafios e para seguir adiante.

É, portanto, na interação com o outro, que nos desparamos com nossas limitações, conquistas e desejos. No contexto da tutoria, isso nos leva a pensar nas necessidades, expectativas e fragilidades acadêmicas dos alunos que ingressam no Mestrado Profissional e, mais do que isso, em suas potencialidades, não apenas como mestrandos de um programa de pós-graduação e futuros pesquisadores, mas como pessoas e profissionais comprometidos com a educação brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados apresentados e discutidos neste artigo, acompanhados de nossas reflexões, apontaram evidências de que a tutoria é considerada pelas mestrandas aqui citadas uma atividade fundamental no curso de Mestrado Profissional em Educação: Formação de Formadores (Formep), da PUC-SP, visto que auxilia os mestrandos na apropriação de habilidades necessárias para esta etapa de estudos e oferece-lhes um primeiro direcionamento para a construção do projeto de pesquisa, tendo em vista que a orientação com um professor do Programa só tem início no final do primeiro ano de curso.

Algumas mestrandas apontaram que as interven-

ções realizadas por seus tutores nos textos produzidos, bem como as devolutivas fornecidas por eles e as subsequentes reescritas de suas produções, potencializaram sua reflexão, ampliaram sua capacidade metacognitiva e contribuíram, especialmente, para o desenvolvimento de habilidades necessárias na pós-graduação, como: delimitar um tema de pesquisa, buscar informações em bancos de dados, elaborar uma revisão bibliográfica, produzir e ler textos acadêmicos.

As trocas de ideias e o compartilhamento de dúvidas e dificuldades entre as mestrandas também se mostraram enriquecedoras: falar de seu processo na pós-graduação, e ouvir o outro fazê-lo também, foi algo que contribuiu para a potencialização do trabalho colaborativo, do conhecimento de si e da construção de sua identidade profissional, o que lhes propiciou um novo olhar para a construção coletiva e as interações sociais.

Diante do exposto, colocamos como perspectiva para estudos futuros, com vistas a avançar nas reflexões aqui empreendidas acerca da prática de tutoria acadêmica realizada no Formep, um aprofundamento nos estudos sobre trabalho coletivo-colaborativo e zona de desenvolvimento iminente (ZDI), no contexto do ensino superior, especificamente, em cursos de pós-graduação *stricto sensu*, como é o caso do Mestrado Profissional.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pelo financiamento da pesquisa, por meio da modalidade Proex/Taxa, no período de jan./dez. 2015, e da modalidade Proex/Integral, no período de jan. 2016 a dez. 2017.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli. A formação do pesquisador da prática pedagógica. **Plurais Revista Multidisciplinar**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 30-41, jan./abr. 2016. Disponível em: <http://www.revistas.uneb.br/index.php/plurais/article/view/2300/1605>. Acesso em: 29 mar. 2019.

ANDRÉ, Marli et al. Tutoria acadêmica no mestrado profissional: um aprendizado compartilhado. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 25, n. 47, p. 37-50, set./dez. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeba/article/view/3207/2076>. Acesso em: 29 mar. 2019.

ANDRÉ, Marli; PRÍNCEPE, Lisandra. O lugar da pesquisa no mestrado profissional em educação. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 63, p. 103-117, jan./mar. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n63/1984-0411-er-63-00103.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2019.

DURAN, David; VIDAL, Vinyet. **Tutoria: aprendizagem entre iguais: da teoria à prática**. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**. Trad. Tiago J. R. Leme. São Paulo: Cortez, 2016.

PASSOS, Laurizete F.; ANDRÉ, Marli E. D. A. O trabalho colaborativo, um campo de estudo. In: ALMEIDA, Laurinda R.; PLACCO, Vera M. N. S. (Orgs.). **O coordenador pedagógico e o trabalho colaborativo na escola**. São Paulo: Edições Loyola, 2016, p. 9-23.

PLACCO, Vera M. N. de S.; SOUZA, Vera L. T. de (Orgs.). **Aprendizagem do adulto professor**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

REIS, Adriana T.; SIGALLA, Luciana A. A.; PENTEADO, Maria Emiliana L. Sobre as origens do Mestrado Profissional em Educação: Formação de Formadores (FORMEP), da PUC-SP – tecendo memórias... In: Educere. XII Congresso Nacional de Educação. 2015, Curitiba/PR. **Anais...** p. 7058-7071. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/17497_9133.pdf. Acesso em: 29 mar. 2019.

SIGALLA, Luciana A. A. **Tutoria acadêmica entre pares na pós-graduação stricto sensu: contribuições desse espaço coletivo-colaborativo de trabalho e formação**. A experiência do Formep, na PUC-SP. 2018. 251 f. Tese. (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/21050/2/Luciana%20Andr%C3%A9%20Afonso%20Sigalla.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2019.

SZUNDY, Paula T. C. Zona de desenvolvimento potencial: uma zona de conflitos e revoluções no diálogo pesquisadora-professores. In: SCHETTINI, Rosemary H. et al. (Orgs.). **Vygotsky: uma revisita no início do século XXI**. São Paulo: Andross, 2009. – (Linguagem em movimento), p. 79-103.